

Cidade e práticas corporais: estado da arte nos periódicos da educação física

City and bodily practices: a review of the state of the art in physical education journals

Ciudad y prácticas corporales: estado del arte en los periódicos de la educación física

FILIFE FERREIRA GHIDETTI¹

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, UFRN, NATAL-RN, BRASIL

RESUMO

Os liames entre os processos de urbanização e as práticas corporais têm se tornado cada vez mais visíveis para os pesquisadores da Educação Física (EF). O presente trabalho tem objetivo de analisar a produção atual do campo da EF sobre a relação cidade-práticas corporais. Para atingir tal objetivo, foi realizada uma triagem nos principais periódicos da EF brasileira, identificando 92 artigos. Este trabalho apresenta uma revisão do tipo “estado da arte” sobre o tratamento do tema dentro do campo da EF entre 2010 e 2022. Como resultado, constatou-se que a maioria dos trabalhos faz uma historiografia da influência das práticas corporais na urbanização da modernidade. Nesse sentido, ressalta-se a necessidade de mais trabalhos que tratem da atualidade do tema.

Palavras-chave: Cidade. Práticas Corporais. Educação Física.

ABSTRACT

The links between urbanization processes and bodily practices have become increasingly visible to Physical Education (PE) researchers. The present work aims to analyze the current production in the field of PE on the city-bodily practices relationship. To achieve this objective, a screening was carried out in the main Brazilian PE journals, identifying 92 articles. This work presents a “state of the art” review on the treatment of the topic within the field of PE between 2010 and 2022. As a result, it was found that the majority of works provide a historiography of the influence of bodily practices on the urbanization of Modern Era. In this sense, the need for more work that addresses the actuality of the topic is highlighted.

Keywords: City. Bodily Practices. Physical Education.

RESUMEN

Los vínculos entre los procesos de urbanización y las prácticas corporales se han vuelto cada vez más visibles para los investigadores de Educación Física (EF). El presente trabajo tiene como objetivo analizar la producción actual en el campo de la EF sobre la relación ciudad-prácticas corporales. Para lograr este objetivo, se realizó un cribado en las principales revistas brasileñas de Educación Física, identificando 92 artículos. Este trabajo presenta una revisión, do tipo “estado del arte”, sobre el tratamiento del tema en el campo de la EF entre 2010 y 2022. Como resultado, se encontró que la mayoría de los trabajos brindan una historiografía sobre la influencia de las prácticas corporales en la urbanización de la modernidad. En este sentido, se destaca la necesidad de realizar más trabajos que atiendan la actualidad del tema.

Palabras clave: Ciudad. Prácticas Corporales. Educación Física.

¹ Docente do Departamento de Educação Física/Centro de Ciências da Saúde/UFRN. E-mail: filipe.ghidetti@ufrn.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4239-3036>.

INTRODUÇÃO

Os liames entre os processos de urbanização e as práticas corporais têm se tornado cada vez mais visíveis para os pesquisadores da Educação Física (EF). O volume de trabalhos na virada do século mostra que esse tem sido um tema de interesse crescente. Depura-se daí a necessidade de análise com a meta de compreender as características dessa produção mais atual dentro do campo da EF.

Tomamos o termo “cidade” a partir do seu significado da Era Moderna: uma experiência urbana que se encontra ameaçada atualmente (Mongin, 2009). Além de uma aglomeração que acelera as relações de troca, a “[...] experiência urbana remete aqui a três tipos de experiências corporais que enlaçam o privado e o público” (Mongin, 2009, p. 29). Mongin (2009, p. 29) se refere a: 1) a cidade é uma experiência física, “[...] a marcha do corpo dentro de um espaço onde prevalece a relação circular entre um centro e uma periferia”; 2) “[...] um espaço público onde corpos se expõem e onde se pode inventar uma vida política pelo viés da deliberação, das liberdades e da reivindicação igualitária” (Mongin, 2009, p. 30); 3) “A cidade também é um objeto que se observa [...] uma construção, até mesmo um maquinário, submetida de imediato aos fluxos da técnica e ao desejo de controle do Estado” (Mongin, 2009, p. 30).

A cidade tipo-ideal do industrialismo desequilibrou as relações entre indivíduo e sociedade em favor do trabalho e da produção pela primeira vez na história: “Nenhuma daquelas cidades antigas fugia ao velho ditado: ‘Trabalhar sempre sem brincar faz do Jack um mal rapaz’” (Mumford, 2008, p. 483). O aparato “paleotécnico”² montado em forma de cidade para organizar as atividades humanas exclusivamente para a produção fabril em larga escala acaba por organizar seu maior legado, que Mumford (2008) chama de contra-ataque. Essa nova espécie de cidade, a cidade industrial, provoca uma reação de urbanistas, artistas e reformadores no século XIX, preocupados com as necessidades humanas dentro das possibilidades urbanas. A reação focalizava o saneamento urbano, que conhecemos como movimento higienista. Um movimento que, pelo avanço do saber científico biológico, produziu afinidades eletivas entre a noção de corpo urbano e corpo individual (Sennett, 1997)³. É conhecida a centralidade desse processo na institucionalização da Educação Física. Como correção do *laissez-faire* característico da cidade industrial, Mumford (2008, p. 516) destaca que a socialização municipal passou a ser ferramenta central no controle da relação entre indivíduo e sociedade: “[...] a obra de reformadores sanitários e higienistas [...] roubou à vida urbana, em seus níveis inferiores, algo dos seus piores terrores e mesquinhez físicas”. Um processo de democratização dos cuidados corporais. Nesse contexto histórico, resgatava-se a noção de cidade como essa organização que estrutura e facilita o desenvolvimento dos seus membros individuais pela divisão do trabalho. A cidade é aqui compreendida como aquilo que permite a liberdade individual a partir do caráter igualitário e, que, tem experimentado a estruturação deste último enquanto um problema a ser enfrentado⁴.

² Refere-se à utilização do carvão mineral na Inglaterra moderna, que liberou a sociedade da sazonalidade da natureza na produção orgânica da vida, trazendo uma fonte energética mais estável, possibilitando a expansão da cidade como máquina de produção humana.

³ “A limpeza ganhou novos reforços científicos depois de 1870. Enquanto o corpo esteve dualisticamente separado da mente, o seu cuidado sistemático pôde ser reduzido, quase como uma indicação de preocupações mais espirituais. Mas a nova concepção científica do organismo, que se conformou no século XIX [...], reuniu processos fisiológicos e psicológicos, e **assim, o cuidado corporal tornou a se transformar em disciplina moral e estética**” (Mumford, 2008, p. 514, grifo nosso).

⁴ Mongin (2009, p. 16) destaca como Paris passa por um processo de fragmentação de territórios que “[...] cria uma hierarquia dos espaços urbanos, o que destrói o espírito igualitário da lei republicana”. Mumford (2008, p. 490) destaca que o *laissez-faire* anterior à cidade industrial se deve a “[...] tentativa de romper antigos

Na outra ponta dessa relação, precisamos definir algumas bases do que tomamos por “práticas corporais”. De acordo com Manske (2022), a primeira menção ao termo acontece na década de 1990 e guarda relações com o conceito de “técnica corporal” de Marcel Mauss. Interpretando Silva, Lazzarotti Filho e Antunes (2014), Manske (2022, p. 6) destaca os seguintes traços sobre o conceito de práticas corporais: “[...] referir ao corpo e ao movimento corporal, destacar a historicidade das técnicas utilizadas e seus significados em coletividades, apresentar finalidades específicas e objetos determinados para sua realização, e ocorrer em tempo livre com características lúdicas e dinamicidade de movimentos”. Importante ressaltar a observação de Manske (2022, p. 9) quando o autor coloca que, apesar de que o tema “[...] tenha surgido inicialmente em interpretações no espaço escolar no campo da Educação Física”, é nos estudos voltados à saúde que ele ganha uma “especificação teórico-conceitual”. O termo Práticas Corporais seria então a expressão da necessidade de ampliação do olhar dirigido à “atividade física”, por uma ótica biologicista mais voltada às relações de causa e efeito. O Glossário Temático Promoção da Saúde (Brasil, 2012, p. 28) define práticas corporais como: “[...] expressões individuais ou coletivas do movimento corporal, advindo do conhecimento e da experiência em torno do jogo, da dança, do esporte, da luta, da ginástica, construídas de modo sistemático ou não sistemático”. Essa definição por si só mostra como a EF caminhou e diversificou aquela noção de corporeidade produzida no saber científico biológico que está na base da cidade industrial, assim como a própria concepção de cidade vem se modificando. Nesse sentido, se faz necessário questionar: Como a relação entre cidade e práticas corporais tem sido investigada, analisada e entendida no campo da EF? O objetivo deste estudo é responder a questão acima.

METODOLOGIA

Este trabalho apresenta uma revisão do tipo “estado da arte” sobre o tratamento do tema dentro do campo da EF entre 2010 e 2022. Para realizar tal tarefa e compreender como está configurada a disputa de sentido sobre as práticas corporais na experiência urbana, delimitamos o nosso escopo às publicações nos periódicos científicos especializados do campo da EF brasileira, considerando a classificação atual (2017-2020) do Qualis/Capes. Os periódicos atualizam o debate científico e, nesse sentido, abrigam uma diversidade de matrizes teóricas e disputas quanto à construção discursiva sobre os diferentes fenômenos. Sendo assim, propiciam uma espécie de fluxo ininterrupto quanto à produção de conhecimento.

Estabelecida a questão, nosso escopo de análise foi a produção veiculada pelos periódicos *brasileiros* da EF que se situam no estrato mais alto do Qualis/Capes na última classificação. O que motivou a nossa escolha foi: 1) o fato de as publicações serem feitas em português, língua franca da comunidade acadêmica da EF brasileira, se considerarmos a democratização do acesso a mais membros do campo, como graduandos em EF, por exemplo; 2) e o fato de que a avaliação por pares também é realizada diretamente por membros que compõem o campo da EF brasileira. A partir da análise de escopo, foram selecionados

privilégios, de franquias e regulamentações de comércio, que o Estado absolutista tinha imposto ao desgastado tecido econômico e à hesitante moralidade social da cidade medieval”. A igualdade política que foi introduzida de forma lenta nas constituições nacionais, desde 1789 e a liberdade exigida pelos industrialistas eram contraditórias, afirma Mumford (2008). O *laissez-faire* instaurou o caos que acabou por solapar a autoridade municipal. Esse é o problema que ainda continua a ser endereçado à cidade: “A cidade não cede lugar, portanto, a uma oposição entre o sujeito individual, desfrutador de uma experiência corporal sempre reinventada, e uma ação pública organizada; ela gera, pelo contrário, uma experiência que entrelaça o individual e o coletivo, ela se coloca, ela própria, em cena, deitando nos palcos nas praças” (Mongin, 2009, p. 37).

periódicos que têm como missão divulgar trabalhos na área da EF porque a nossa proposta foi avaliar a circulação da discussão interna sobre a relação entre cidade e práticas corporais, as disputas pelos sentidos e significados em torno deste fenômeno. A busca e seleção de artigos se deu pela leitura e análise de títulos, resumos e palavras-chave de todos os artigos entre 2010 e 2022. O filtro de seleção considerava trabalhos que mencionassem “cidade”, “urbano”, “município” ou o nome de uma cidade. Esse recorte temporal se deve à necessidade de compreender a atualidade do tema no campo da EF.

Os quatro periódicos com maior fator de impacto no campo da EF brasileira e que se enquadram nos critérios acima enunciados foram: Motriz (B1); Movimento (ESEF/UFRGS) (B1); Revista Brasileira de Ciências do Esporte (B1); Journal of Physical Education (UEM) (B1)⁵. Após a triagem por títulos e resumos, foi feita uma leitura na íntegra de cada um dos artigos selecionados. O critério de inclusão era o tratamento da relação entre cidade e práticas corporais como uma via de mão-dupla: consideramos que é possível falar em relação quando há consideração sobre os efeitos das práticas corporais na cultura urbana, assim como o inverso também é verdadeiro. Como fator de exclusão, citamos o fato de que muitos estudos utilizam a cidade como escopo sem qualquer justificativa ou critério que sustente essa opção metodológica.

Como nossa revisão é de tipo “estado da arte”, o intuito era analisar relações com produções anteriores sobre o tema, reconhecer tendências temáticas que se repetem para apontar outras possíveis perspectivas sobre a relação EF-práticas corporais-cidade. Trata-se de um modelo de estudo que promove orientações sobre a produção científica no campo da EF, principalmente quando se evidenciam novos métodos e conceitos em evidência (Rocha, 1999). Mais do que isso, a partir do estado da arte é possível conceber as diversas formas em que um tema pode ser abordado e por onde determinadas concepções têm circulado. A finalidade principal seria fornecer uma topografia sobre o tratamento histórico de um determinado tema em um campo de estudos específicos, principalmente com a finalidade de retratar as lacunas que novas pesquisas podem vir a preencher. O estado da arte aqui empreendido tem como objetivo caracterizar a distribuição da produção científica sobre a relação EF-práticas corporais-cidade estabelecendo, sobretudo, uma síntese sobre essa mesma produção.

Concluída a fase de seleção, passamos à análise dos artigos, categorizando os dados que caracterizam a produção mais recente da EF sobre o tema. O processo de categorização partiu das características internas da produção sobre o tema na EF, que iam se reafirmando na leitura dos trabalhos, como um conjunto de qualidades que irrompem organizadas internamente (pelo fluxo do debate científico).

A primeira categoria – “Em qual cidade?” – se refere a qual cidade fora tematizada no trabalho analisado. Essa categoria permite perceber se há a concentração da produção em determinadas praças, o que seria um impeditivo para a compreensão da diversificação existente no fenômeno de urbanização. A segunda categoria – “Principais referências” – foi estruturada para que pudéssemos identificar as principais correntes teórico-metodológicas que aparecem nos trabalhos analisados, o que permite compreender as estruturações conceituais da compreensão sobre a relação entre práticas corporais e cidade. O que foi primordial nessa categoria foi a recorrência de referências. A terceira categoria – “Recorte monodisciplinar” – complementa a segunda quanto ao mapeamento das fontes epistemológicas. Trabalhos científicos orientados por abordagens monodisciplinares, que tem seu estatuto epistemológico próprio, podem acabar contribuindo para uma fragmentação do conhecimento se não interposmos a intencionalidade própria da EF ao tratar as práticas corporais, o que poderia

⁵ Um aspecto central na seleção dos periódicos foi o fato de que estes trazem no Escopo a missão de publicar trabalhos que tratam de temas relativos à EF.

conferir um trato interdisciplinar. As metodologias dos trabalhos analisados por vezes eram orientadas pelos cânones históricos, sociológicos ou antropológicos, para citar como exemplos. A quarta categoria – “Período histórico analisado no artigo” – foi erigida em função da necessidade de compreendermos ao qual período histórico correspondia a análise da relação entre práticas corporais e cidade. Nesse sentido, as diferenças entre artigos que procuravam refletir sobre a atualidade (contemporaneidade) e artigos de caráter histórico são fundamentalmente díspares quanto à possibilidade de influenciar a transformação de práticas urbanas atuais. A quinta categoria – “Influência de costumes estrangeiros” – se refere a uma repetição do mesmo cenário em trabalhos que investigam a relação entre práticas corporais e cidade sob um viés histórico, a influência de costumes estrangeiros na configuração de uma nova cultura.

A sexta categoria – “Centro, periferia ou interior” – também se erige da dinâmica interna da produção analisada, quando constatamos que os estudos ficaram concentrados nas capitais. Os vínculos entre a urbanização, divisão do trabalho, a pedagogia do corpo e a intensificação dos vínculos sociais colocam como questão a característica desse processo fora dos grandes centros: periferia e interior. A sétima categoria – “Políticas públicas” – foi desenhada em função de uma parcela significativa dos artigos buscarem refletir como as políticas públicas (não) regulamentam diretamente a relação entre cultura urbana e cultura física transformando ativamente essa relação ou se omitindo sobre a mesma. A oitava categoria – “Prática corporal retratada” – foi desenhada com o objetivo de analisar se existem afluências maiores em relação à determinada prática corporal em função do tempo histórico, como no caso do Remo que teve grande influência no início do processo de urbanização das grandes cidades e das orlas. A nona categoria – “Metodologia” – foi desenhada com o objetivo de identificar correntes metodológicas (de pesquisa) na investigação da relação entre cidade e práticas corporais. A décima categoria – “Esportivização” – também tem origem intra-motivada considerando que muitos dos trabalhos destacaram o surgimento desse processo: a esportivização é a transformação da cultura física, antes ancorada no surgimento de novos comportamentos necessários à urbanização, na especialização e racionalização das práticas corporais.

RESULTADOS

Quadro 1: Triagem nos periódicos científicos de artigos que tematizam a relação cidade-práticas corporais (2010-2022).

	Artigo
2010	Werle, Verônica. Reflexões sobre a participação nas políticas públicas de esporte e lazer (Motriz)
	Valdanha Netto, Américo; Souza Neto, Samuel de; Hunger, Dagmar Aparecida Cynthia França. O Grêmio da Paulista e o lazer do ferroviário rio-clarense (Motriz)
	Oliveira, Lenice Peluso; Costa, Vera Lúcia de Menezes. Histórias e memórias de pioneiros do vôlei de praia na cidade do Rio de Janeiro (JPHYEDU)
	Stigger, Marco Paulo; Melati, Fernanda; Mazo, Janice Zarpellon. Parque Farroupilha: memórias da constituição de um espaço de lazer em Porto Alegre, Rio Grande do Sul – Brasil (JPHYEDU)
	Pereira, Ester Liberato; Mazo, Janice Zarpellon; Lyra, Vanessa Bellani. Corridas de cavalo em cancha reta em Porto Alegre (1852/1877): uma prática cultural esportiva sul-rio-grandense (JPHYEDU)
	Nunes Junior, Paulo Cezar; Franco Amaral, Silvia Cristina. Entre a marquise e a pista central: espaço para o tempo livre no Parque do Ibirapuera (Movimento)
	Elias, Rodrigo Vilela; Mourão, Ludmila. Automobilismo carioca: memórias de um piloto e as corridas de rua de 1954 a 1966 (Movimento)
	Rigo, Luiz Carlos; Jahneka, Luciano; Crochemore da Silva, Inácio. Notas etnográficas sobre o futebol de várzea (Movimento)
	Rechia, Simone; Betrán, Javier Oliveira. Parques urbanos de Barcelona: a relação entre a

	diversidade nas formas de apropriação e a segurança a partir de usos principais e combinados (Movimento)
	Cachorro, Gabriel Armando; César, Aldo Román; Scarnatto, Martín; Villagrán, Juan Pablo. A cidade, os jovens e o campo das práticas corporais (RBCE)
	Cunha, Maria Luisa Oliveira da; Mazo, Janice Zarpellon. A criação dos clubs nas praças públicas da cidade de Porto Alegre (1920-1940) (RBCE)
2011	Teixeira, Fabiane Castilho; Lara, Larissa Michelle; Rinaldi, Ieda Parra Barbosa. Corpo, festa e ludicidade: a cultura maringaense retratada em telas (Motriz)
	Tschoke, Aline; Rechia, Simone; Vieira dos Santos, Karine do Rocio; Lopes Vieira, Flavia Gonzaga; Moro, Luize. As experiências no âmbito do lazer e o princípio da inércia: uma analogia para pensar sobre os fatores que influenciam a apropriação dos espaços públicos (Movimento)
	Viana, Juliana Alencar. A mobilidade como aventura na cidade: jogos baseados em geolocalização (GPS) e apropriação urbana (Movimento)
	Rocha Junior, Coriolano Pereira; Espírito Santo, Fernando Reis do. Futebol em Salvador: o início de uma história (1899-1920) (Movimento)
	Cachorro, Gabriel Armando. Cidade, corpo e vida cotidiana: Materiais teóricos de uma investigação na Cidade de La Plata (Movimento)
	Tavares, Otávio. Beijing 2008: os Jogos Olímpicos, a cidade e os espaços (RBCE)
	Moraes e Silva, Marcelo; Capraro, André Mendes. O contexto de fundação da Escola de Educação Física e Desportos do Paraná: educando corpos para a vida urbana (RBCE)
2012	Nunes da Silva, Cecília; Varnier, Thácia Ramos; Gomes, Ivan Marcelo; Almeida, Felipe Quintão de; Almeida, Ueberson Ribeiro; Moraes, Cláudia Emília Aguiar. O esporte na imprensa em Vitória (1926-1936): uma análise dos jornais A Gazeta e O Diário da manhã (JPHYEDU)
	Mariante Neto, Flávio Py; Myskiw, Mauro; Stigger, Marco Paulo. Entre a academia de boxe e o boxe da academia: um estudo etnográfico (Movimento)
	Rechia, Simone; Vieira dos Santos, Karine do Rocio; Tschoke, Aline. As forças sociais de estrutura, estética e movimento: a dinâmica da apropriação do Parque Cachoeira (Movimento)
	Tschoke, Aline; Rechia, Simone. O lazer das crianças no bairro Uberaba em Curitiba: a dialética entre os espaços de lazer e a problemática urbana na periferia (RBCE)
	Ferreira Borges, Carlos Nazareno; Tonini, Grece Teles. O incentivo ao esporte de alto rendimento como política pública: influências recíprocas entre cidade e esporte (RBCE)
	Damico, José. Gestão da vida a partir do esporte e lazer em Grigny Centre – França (Movimento)
2013	Góis Júnior, Edivaldo. Ginástica, higiene e eugenia no projeto de nação brasileira: Rio de Janeiro, século XIX e início do século XX (Movimento)
	Assmann, Alice Beatriz; Mazo, Janice Zarpellon. As sociedades de damas atiradoras: pelos caminhos da prática do tiro ao alvo em Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul (JPHYEDU)
	Silva, Carolina Fernandes da; Mazo, Janice Zarpellon. O conflito do Trapiche Preto: um confronto entre as torcidas dos clubes de remo porto-alegrenses (JPHYEDU)
	Danailof, Kátia. A “Educação Physica” nos parques infantis de São Paulo (1935-1938) (Movimento)
	Góis Júnior, Edivaldo. O esporte e a modernidade em São Paulo: práticas corporais no fim do século XIX e início do XX (Movimento)
	Honorato, Tony. A esportivização do skate (1960-1990): relações entre o macro e o micro (RBCE)
2014	Santos Junior, Nei Jorge; Melo, Victor Andrade. “Recrear, instruir e advogar os interesses suburbanos”: posicionamentos sobre o futebol na Gazeta Suburbana e no Bangú-Jornal (1918-1920) (Movimento)
	Silva, Carolina Fernandes da; Pereira, Ester Liberato; Mazo, Janice Zarpellon. Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré: uma ameaça ao império identitário teuto-brasileiro no cenário do remo Porto-Alegrense (Movimento)
	Peres, Fabio Faria; Melo, Victor Andrade. A introdução da Ginástica nos clubes do Rio de Janeiro do século XIX (Movimento)
	Silva, Luciano Pereira. As práticas de diversão e o modo de vida moderno nas primeiras décadas do século XX em Montes Claros-MG (RBCE)
	Myskiw, Mauro; Pacheco, Ariane Corrêa; Stigger, Marco Paulo. Aqui é a várzea: reflexões sobre a constituição de um circuito de lazer na/da cidade de Porto Alegre (RBCE)
Silva, Emília Amélia Pinto Costa da; Rechia, Simone; Silva, Priscilla Pinto Costa da; Assis, Talita Stresser de; Freitas, Clara Maria Silvestre Monteiro de. O jogo das cidades em tempos de megaeventos esportivos: algumas reflexões (Movimento)	

2015	Ribeiro, Carlos Henrique de Vasconcellos; Pereira, Erik; Pontes, Vanessa; Moreira, Jorge. <i>Sociologia pública e as praias cariocas: a praia é para todos?</i> (Movimento)
	Cunha, Maria Luisa Oliveira da; Mazo, Janice Zarpellon. <i>A difusão das práticas corporais nas praças públicas da cidade de Porto Alegre (1920-1940)</i> (JPHYEDU)
	Melo, Victor Andrade. <i>O sport em transição: Rio de Janeiro, 1851-1868</i> (Movimento)
	Silva, Carolina Fernandes da; Mazo, Janice Zarpellon. <i>Uma história das instrumentalidades do esporte no campo do associativismo esportivo em Porto Alegre/RS</i> (Movimento)
	Elias, Rodrigo Vilela; Costa Telles, Silvio de Cassio. <i>A indústria nacional de automóveis e o automobilismo brasileiro: contrastes entre o Rio de Janeiro e São Paulo de 1956 a 1966</i> (RBCE)
	Tavares, Ana Beatriz Correia de Oliveira; Votre, Sebastião Josué. <i>Estádio do Maracanã: dos alicerces ao colosso do derby</i> (RBCE)
	Gonçalves, Felipe Sobczynski; Rechia, Simone. <i>Espaços e equipamentos de lazer da Vila Nossa Senhora da Luz e suas formas de apropriação</i> (RBCE)
	Ribeiro, Olívia Cristina Ferreira; Franco Amaral, Sílvia Cristina. <i>Entre o lazer esportivo participativo e ambiental e o lazer turístico – As políticas públicas de lazer em Brotas/SP</i> (Movimento)
	Silva, Emília Amélia Pinto Costa; Rechia, Simone; Betrán, Javier Olivera. <i>A Copa do Mundo de futebol 2014 na região Sul do Brasil: uma análise dos espaços da cidade</i>
	Melo, Victor Andrade. <i>Experiências de ensino da dança em cenários não escolares no Rio de Janeiro do Século XIX (décadas de 1810-1850)</i> (Movimento)
2016	Pizani, Rafael Stein; Góis Júnior, Edivaldo; Franco Amaral, Sílvia Cristina. <i>A educação do corpo nos parques e recantos infantis de Campinas-SP (1940-1959)</i> (Movimento)
	Abrantes, Felipe Vinícius de Paula; Silva, Silvio Ricardo da. <i>O futebol nos bares de Belo Horizonte: o torcer em uma cidade boêmia</i> (Movimento)
2017	Mora, Rodrigo; Weisstaub, Gerardo; Greene, Margarita; Herrmann, Geraldine. <i>Outdoor gyms in Santiago: urban distribution and effects on physical activity</i> (Motriz)
	Melo, Victor Andrade; Santos, Flavia Cruz. <i>Deslizando rumo ao progresso: a patinação em São Paulo (1877-1912)</i> (Movimento)
	Santana, Daniella Tschöke; Rechia, Simone; Rodrigues, Emília Amélia Pinto Costa. <i>As brechas da cidade: a Praça de Bolso do Ciclista da cidade de Curitiba/PR</i> (Movimento)
	Fernandez, José Fernando Tabares. <i>Distribuições de instalações esportivas na cidade de Medellín: condições de possibilidade de contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos</i> (Movimento)
	Teixeira, Juliana Cotting; Silva, Méri Rosane Santos da. <i>Skatistas “correndo pelo certo”: normalização e produção de subjetividades na contemporaneidade</i> (Movimento)
2018	Tavares, Ana Beatriz Correia de Oliveira; Costa Telles, Silvio de Cassio; Votre, Sebastião Josué. <i>Maracanã stadium: place of carioca sport</i> (Motriz)
	Herold Junior, Carlos; Machado, Alisson Bertão; Campanholi, Carolini Aparecida; Solera, Bruna; Parizotto, Pedro Gabriel Gil. <i>O corpo a partir do movimento nudista: Rio de Janeiro na década de 1950</i> (Movimento)
	Melo, Victor Andrade; Karls, Thaina Schwan. <i>Novas dinâmicas de lazer: as fábricas de cerveja no Rio de Janeiro do Século XIX (1856-1884)</i> (Movimento)
	Espírito Santo, Wecisley Ribeiro do; Retondar, Jeferson José Moebus. <i>Direito ao lazer e direito à cidade: interseções a partir de um projeto de extensão universitária</i> (Movimento)
	Trindade, Nadyne Venturini; Almeida, Bárbara Schausteck de; Marchi Júnior, Wanderley. <i>Esporte para o desenvolvimento e a paz: leituras acadêmicas em diálogo com os usos do esporte para a pacificação no Rio de Janeiro</i> (Movimento)
	Furtado, Heitor Luiz; Quitau, Evelise Amgarten; Moraes e Silva, Marcelo. <i>Blumenau e seus imigrantes: apontamentos acerca da emergência de uma cultura física (1850-1899)</i> (Movimento)
	Melo, Victor Andrade; Santos Junior, Nei Jorge. <i>O esporte nos arrabaldes do Rio de Janeiro: o cricket em Bangu (1904-1912)</i> (Movimento)
	Troncoso, Leandro Dri Manfiolete; Puttini, Rodolfo Franco; Gonçalves Junior, Luiz; Toro-Arévalo, Sérgio Alejandro. <i>Ciclismo urbano como direito humano à mobilidade ativa na cidade de São Paulo</i> (Movimento)
	Melo, Victor Andrade. <i>Saudável e fashionable: a patinação no Rio de Janeiro do século XIX (1878-1892)</i> (RBCE)
Silva, Carolina Fernandes da; Mazo, Janice Zarpellon; Tavares, Otávio. <i>O estabelecimento dos esportes náuticos no Rio Grande do Sul na primeira década do século XX: entre o ruder e o remo</i> (RBCE)	

2019	Silva, Leonardo Mattos da Motta; Góis Junior, Edivaldo. Physical education at the Brazilian Education Association: modern practices of body education in Rio de Janeiro city from 1928 to 1935 (Motriz)
	Troncoso, Leandro Dri Manfiolete; Puttini, Rodolfo Franco; Pimentel, Giuliano Gomes de Assis; Honorato, Tony; Toro-Arévalo, Sérgio Alejandro. A promoção da bicicultura na política institucional de planejamento das cidades (JPHYEDU)
	Alves, Rogério Othon Teixeira; Souza Neto, Georgino Jorge de; Ladislau, Carlos Rogério. Clube Atlético Mineiro e Cruzeiro Esporte Clube como experiência de lazer em bares da cidade de Montes Claros (RBCE)
	Stein, Fernanda; Marin, Elizara Carolina. Coletivos culturais e ações com jogos na cidade de São Paulo (RBCE)
	Rosa, Maria Cristina; Ferreira, Jennyfer Thais Alves. Ruas de recreio na cidade de Belo Horizonte (fim da década de 1950 até 1980) (RBCE)
	Flory, Sara. Pedagogia da Educação Física em escolas urbanas: uma revisão crítica (Movimento)
	Melo, Victor Andrade; Gonçalves, Michelle Carreirão. À sombra do futebol: experiências com o rugby nas duas primeiras décadas do século XX (Movimento)
	Costa, Alcides Vieira; Straker, Jo; Reppold Filho, Alberto Reinaldo. Atividades esportivas na natureza em Porto Alegre: desafios e oportunidades (Movimento)
	Gondim, Denis Foster; Melo, Esdras Henrique Rangel de; Mazzei, Leandro Carlos; Kohl, Henrique Gerson; Menezes, Vilde Gomes. Memória do judô na cidade do Recife: uma análise a partir de sua relação com a educação e o processo civilizatório (Movimento)
	Montenegro, Nara Romero; Soares, Carmen Lúcia. Cultura física e vida ao ar livre: a reinvenção do litoral de Fortaleza (1920-1940) (Movimento)
2020	Santana, Daniella Tschöke; Rechia, Simone; Rodrigues, Emília Amélia Pinto Costa; Moro, Luize. As experiências de lazer na cidade: o cotidiano da Praça de Bolso do Ciclista de Curitiba, Paraná (Movimento)
	Melo, Victor Andrade. Trânsitos culturais: as experiências dos primeiros clubes athleticos do Rio de Janeiro (1873-1883) (Movimento)
	Correia, Jones Mendes; Freitas, Gustavo da Silva; Knuth, Alan Goularte; Rigo, Luiz Carlos. A emergência e a disseminação do futebol na cidade de Rio Grande/RS: uma análise a partir do jornal Echodo Sul (1900-1916) (RBCE)
	Caldas, Francisco Demetrius Luciano; Millen Neto, Alvaro Rego; Abrahão, Bruno Otávio de Lacerda. O futebol no Vale do São Francisco: os significados do torneio BAPE em Juazeiro-BA e Petrolina-PE (RBCE)
2021	Medeiros, Daniele Cristina Carqueijeiro de. Dos desafios aquáticos ao estabelecimento de records: aproximação e distanciamento entre práticas esportivas e os rios da cidade de São Paulo (1899-1949) (RBCE)
	Machado, Aline Gomes; Rocha Junior, Coriolano Pereira da. Modernidade, higienismo e ginástica em Salvador/BA (1850-1920) (Movimento)
	Alves, Rogério Othon Teixeira; Silva, Luciano Pereira da; Pereira, Ester Liberato; Souza Neto, Georgino Jorge de; Cardoso, Fernanda de Souza; Ladislau, Carlos Rogério. Gazeta do Norte newspaper and the great Sports Square as nation projects: 'Mold for Tomorrow's Men!' (Motriz)
	Ungheri, Bruno Ocelli; Isayama, Hélder Ferreira. Equipamentos públicos de lazer e esporte: o cenário institucional de municípios que implementaram o Programa Esporte e Lazer da Cidade (RBCE)
	Doi, Igor Cavalcante; Góis Júnior, Edivaldo. Pugilismo e humor na imprensa italiana em São Paulo: representações no periódico Il Pasquino Coloniale (1915-1939) (RBCE)
	Vieira, Valéria Rieger; Silva, Junior Vagner Pereira da. Barreiras à prática de atividades físicas no lazer em usuários de transporte público de Campo Grande/MS (RBCE)
2022	Alves, Rogério Othon Teixeira; Souza Neto, Georgino Jorge de; Pereira, Ester Liberato. O divertimento importado: uma colonização cultural no sertão norte-mineiro (Movimento)
	Musa, Catharina Ulian; Medeiros, Daniele Cristina Carqueijeiro de; Soares, Carmen Lúcia. "Moços intrépidos ao leão da aventura": o clube campineiro de regatas e natação e a vida ao ar livre (1918-1935) (Movimento)
	Medeiros, Daniele Cristina Carqueijeiro de. O processo de esportivização do remo na cidade de São Paulo (1899-1949) (RBCE)
	Beltrame, André Luís Normanton. Por entre tramas e tessituras do espaço urbano "sobre rodas": tecendo relações entre o esporte e lazer e a pessoa com deficiência física na cidade (RBCE)
	Ribeiro, Jean Carlo; Nunes, Fábio Santana. Ipameri x Goiânia: rivalidade na bola ao cesto goiana

(1939 a 1942) (RBCE)
Amaral, Daniel Venâncio de Oliveira; Anísio, Edimar Reni; Dias, Cleber. História do lazer em Cláudio, Minas Gerais, C. 1888-1920 (Movimento)
Meirelles, Renata Dias de Carvalho; Eckschmidt, Sandra; Hornett, Elisa; Limaverde, Gabriel; Mattos, Lia; Nascimento, Reinaldo; Saura, Soraia Chung. A cidade que virou casa: considerações sobre o brincar livre e espontâneo durante o período de isolamento social de 2020 (Movimento)
Santana, Thiago Santos de; Norte, Ramom de Souza; Nunes, Fábio Santana; Silva, Aldo José Moraes; Cotes, Marcial. O esporte em Ilhéus e a consolidação do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (1921) (Movimento)
Araújo, Marília Camargo; Prodócimo, Elaine. Práticas pedagógicas do Hip-Hop nas aulas de educação física: uma revisão sistemática (Movimento)

Fonte: Elaboração nossa, consultando os portais dos seguintes periódicos: Revista Movimento (UFRGS); Revista Brasileira de Ciências do Esporte; Motriz; Journal of Physical Education (UEM).

Identificamos 92 artigos que se enquadram dentro do escopo delimitado, de 2010 até 2022. Considerando que foram publicados 3.652 artigos nestes periódicos no período de análise, o nosso escopo corresponde a 2,51% das publicações. Com a leitura na íntegra dos trabalhos, foi possível empreender a coleta e organização dos dados. Vejamos as categorias de análise e interpretação dos dados.

Quanto às cidades mais investigadas nos trabalhos selecionados, esses foram os resultados: Porto Alegre teve 11 ocorrências; Rio de Janeiro, 18 vezes; São Paulo, 10 vezes; 8 artigos não investigaram nenhuma cidade em específico; Curitiba, 8 vezes. Apenas 22 vezes (23,9%) foram estudadas cidades do interior ou do subúrbio (como Cláudio-MG, Bangu-RJ ou Rio Claro-SP). Destacamos ainda que 8 estudos investigaram cidades fora do Brasil. Se olharmos por região, o Nordeste foi representado em investigações sobre suas cidades 8/92; Sul, 24 vezes; Norte, nenhuma vez; Centro-Oeste, 3 vezes e Sudeste, 44 vezes. Expondo os resultados de uma categoria correlata, “Centro, periferia ou interior”, em 13/92 vezes tivemos artigos que tematizam a periferia, 16 vezes a tematização de uma cidade interiorana e 61 vezes uma cidade de centro. Nove trabalhos não se encaixam na categoria; dois artigos tematizaram tanto centro como interior; 1 vez centro-periferia e 1 vez interior-periferia. Os dados demonstram o processo centrípeto dos estudos sobre urbanização, o que significa dizer que nota-se um processo de centralização dos estudos sobre o fenômeno da urbanização e sua relação com as práticas corporais.

Quanto à categoria “Políticas públicas”, constatamos que 16/92 artigos fizeram uma investigação sobre como as políticas públicas afetam (ou não) a relação entre cidade e práticas corporais; setenta e seis são, portanto, os trabalhos que não tratam de políticas públicas na relação cidade-práticas corporais. No caso da oitava categoria – “prática corporal retratada” –, que foi criada com o objetivo de identificar alguma tendência de prática corporal que tivesse mais impacto (até em termos de atualidade) na transformação da vivência da cidade, constatamos o seguinte cenário: 42 trabalhos (45,6%) não retrataram nenhuma prática corporal em específico; 12 trabalhos tematizaram o futebol; práticas classificadas como urbanas contemporaneamente (como o Hip-Hop, Skate Street), somente 4 vezes; ciclismo, 4 vezes; remo, 5 vezes. Como se trata quase da metade dos trabalhos, constatamos uma tendência de não entrar tanto na especificidade da relação entre cidade e práticas corporais.

Os resultados da categoria “Principais referências” apresentam algumas concentrações de referências, entre autores e obras. Norbert Elias foi um autor referenciado em 18 trabalhos, com destaques para “O processo civilizatório” e “Em busca da excitação”. O geógrafo Milton Santos foi referenciado em 11 artigos, com a discussão sobre espaço. “O direito à cidade” de Henri Lefebvre foi referenciado 7 vezes. “Carne e pedra”, de Richard Sennett, foi referenciado 4 vezes. Michel de Certeau foi referenciado 8 vezes, principalmente com “A invenção do cotidiano”. Algumas referências significativas aparecem mais vinculadas à estruturação metodológica dos trabalhos: Pierre Bourdieu (8 vezes); Néstor García Canclini

com o conceito de hibridização das culturas (6 trabalhos referenciam); Peter Burke com o conceito de história cultural (6 vezes); Laurence Bardin, com a análise de conteúdo (6 vezes). Ainda nessa categoria, destacamos principalmente as referências a trabalhos da EF, como “O esporte na cidade” de Ricardo Lucena (8 referências). No entanto, é preciso destacar que o autor mais referenciado em todos os trabalhos do escopo foi Victor Andrade de Melo, referenciado em 33 trabalhos (35%). Este pesquisador também foi o autor mais frequente dentro do escopo analisado.

Quanto ao “recorte monodisciplinar”, foi possível observar uma tendência bem clara: 23 trabalhos não apresentaram qualquer corte monodisciplinar (25%); 5 trabalhos argumentam ter desenvolvida abordagem multidisciplinar ou interdisciplinar (pouco mais de 5%); 6 trabalhos desenvolveram um olhar a partir da Antropologia da relação entre cidade e práticas corporais (6,5%); 4 trabalhos recorreram à sociologia e os seus marcos teóricos (4,3%); 1 trabalho inspirado na filosofia; 1 trabalho desenvolvido a partir da perspectiva teórica das Artes; e 52 artigos empreendem o recorte monodisciplinar da História para analisar a relação entre cidade e práticas corporais (56,5%). E isso também traz consequências para outra categoria, a de “Metodologia”. A maior abordagem metodológica (mais da metade dos trabalhos), sem margem de contestação é a análise de fontes históricas, principalmente publicações antigas em jornais (com complementação de análise de documentos oficiais, revistas, fotos, entre outros), constituindo a pesquisa historiográfica: 49 trabalhos (53,2%). Observa-se que a principal forma de olhar para a cidade flagra a cidade arquivada. Outras metodologias de pesquisa também foram utilizadas: 8 trabalhos foram estudos de tipo etnográfico (8,6%); 5 trabalhos adotaram como principal estratégia a revisão bibliográfica (2 revisões sistemáticas) (5,4%); 1 trabalho adotou o método iconológico de Panofsky (1,08%); 1 trabalho desempenhou a análise sociológica do espaço a partir do modelo de Georg Simmel (1,08%); 2 ensaios (2,1%); 9 trabalhos lançaram mão da entrevista como principal ferramenta metodológica (9,7%); 1 trabalho objetivou uma análise fenomenológica de uma prática corporal (1,08%); 1 trabalho efetuou uma cartografia social, de inspiração em Deleuze e Guattari (1,08%); e 15 trabalhos (16,3%) se caracterizaram por serem pesquisas empíricas de cunho qualitativo, em que se observa hibridização das estratégias metodológicas e triangulação de dados.

As três categorias restantes apresentam resultados confluentes que nos ajudam a compreender a tendência de publicação no campo da EF sobre a relação entre cidade e práticas corporais. Quanto à categoria “Período histórico analisado”, 3 trabalhos não retratam nenhum período em específico. A grande maioria dos trabalhos (52,1%) retrata o início da modernidade, no final do século XIX e início do século XX: 41 trabalhos direcionam seu olhar para a constituição do Brasil moderno (até 1950); 6 trabalhos retratam a segunda metade do século XX; 1 trabalho tematiza a primeira metade do século XIX. São 38 trabalhos (41,3%) que retratam a atualidade da relação cidade-práticas corporais, compreendendo trabalhos que procuram discutir o século XXI. As duas últimas categorias aqui retratadas foram motivadas por esse grande volume de estudos históricos. Quanto à “Influência de costumes estrangeiros”, 37 (40,2%) trabalhos sinalizaram a influência estrangeira na configuração do cenário de uma cultura corporal vinculada à cultura urbana. Por outro lado, 55 trabalhos (59,8%) não sinalizaram nada nesse sentido. Quanto à categoria “esportivização”, foram 31 trabalhos (33,6%) que demarcaram a influência do processo de esportivização na configuração de uma cultura física no contexto brasileiro, marcando indelevelmente os valores urbanos. Também é necessário destacar que 61 trabalhos (66,4%) não destacaram nada nesse sentido.

ANÁLISE E CONCLUSÃO

O primeiro ponto que deve compor o movimento de análise é a centralização dos estudos analisados no que se refere à relação entre a cidade e as práticas corporais. Além de constatar o mesmo fato – “[...] tem sido menos usual a investigação das regiões periféricas das cidades” (p. 844) –, Melo e Santos Júnior (2018) ressaltam que isso tem como consequência “[...] deixar de considerar mais adequadamente os contrastes, conflitos e complexidades da construção dos sentidos de urbanidade” (p. 844). Haveria a necessidade de avaliar melhor o trânsito cultural presente na apropriação de bens e representações. Amaral, Anísio e Dias (2022) refletem sobre a situação do interior. Do ponto de vista histórico, destacam a limitação documental como um motivo para haver poucos estudos. Do ponto de vista teórico, os autores entendem que os vínculos históricos entre o processo de urbanização e a divisão social do trabalho é o que marca mais significativamente o tempo de lazer, quando há a errada compreensão de que inexistia o lazer nas cidades do interior. Além disso é preciso considerar o que colocam Vieira e Da Silva (2021):

A geografia social brasileira seguiu o modelo parisiense implementado pelo Barão de Haussmann em 1830, por meio da expulsão de trabalhadores da região central para periferia, substituição de bairros mistos por aburguesados e criação de subúrbios não urbanizados aos operários [...], condição que até os dias de hoje está presente na centralidade elitizada da cidade, com imobiliários de alto valor, comércios elegantes, casas ricas, consumo cultural da moda e maior investimento público, criando territórios para a riqueza e, por conseguinte, estabelecendo o distante, o que fica à margem, na periferia, como territórios para a pobreza (p. 8).

Isso não pode se traduzir em um erro acadêmico – de ignorar formas de significação da experiência urbana –, de associar periferia e interior com precarização. Perdendo, portanto, práticas significativas que acontecem fora do centro. Se analisarmos também as práticas corporais retratadas, tivemos um volume significativo de trabalhos dedicados ao futebol e ao remo (12 vezes o futebol e 5 vezes o remo), bem como um volume grande de trabalhos que não tematizam nenhuma prática em específico. Por outro lado, é baixo o volume de trabalhos que tematizam o que contemporaneamente chamamos de práticas urbanas (skate, hip hop, entre outras) – inclusive se incluirmos o ciclismo (4 trabalhos), que é uma prática que marcadamente tem uma relação direta com o exercício do direito à cidade. O cicloativismo pode ser visto como um projeto de reconfiguração do espaço urbano quanto à mobilidade, resolvendo alguns problemas que surgem do uso indiscriminado do transporte individual motorizado, automóvel. É nesse sentido que a baixa incidência das práticas corporais urbanas na teorização é um aspecto a ser destacado porque estas retomam as relações materiais urbanas e as ressignificam diretamente. Pela transformação direta do que pode o corpo, que o retira das relações diretas da divisão do trabalho. É essa tensão que expõe o controle das forças vitais a que era submetido o corpo.

Assim como o skate urbano [...], que é identificado neste contexto como oposição contra o sistema formal e tradicional de diversão, o Futebol Freestyle (FF) se equiparou às práticas urbanas que têm como características: a) o nomadismo, devido ao caráter de exclusividade da configuração dos espaços urbanos; b) a adaptação material, ressignificando os próprios espaços; e c) a invenção de códigos e regras próprios. Os praticantes se organizam em grupos e territorialmente, mas o que se destaca é o processo identitário em formação com posicionamento espacial (que é a apropriação simbólica de um espaço físico), posicionamento relacional (que destaca um modo particular de conexão com o mundo externo) e

posicionamento temporal (apropriação de uma parte da história, procurando assegurar continuidade temporal e visualizando “algo” que possa satisfazer o tempo existencial). A identidade seria o conjunto de operações mentais próprio da tomada de controle do espaço e do tempo. Trata-se de uma investida contra a cultura esportiva e urbana que é o que registramos naquela comunidade de FF e que logo foi dissolvido com a esportivização (Ghidetti; Marques, 2020, p. 20).

Apresentou-se no escopo dos trabalhos analisados uma tendência muito clara à historiografia da relação entre cidade e práticas corporais (isso se manifesta inclusive nas principais referências que se repetem nos trabalhos). A grande maioria dos trabalhos recorre à análise de fontes históricas, principalmente dos periódicos. Também constatamos que a maioria dos trabalhos se ocupa do período histórico da modernidade no Brasil, assim como os trabalhos destacam uma influência estrangeira no estabelecimento da cultura física no Brasil que, nesse contexto, sofre também grande influência da esportivização. Nesse sentido, seriam necessários mais estudos que reflitam sobre a atualidade da relação cidade-práticas corporais: as perspectivas sociológica e antropológica ainda têm incidência mínima nos estudos, assim como métodos como a etnografia ou entrevistas. Para além dessas constatações, vale a compreensão sobre o panorama que encontramos.

O início da modernidade no Brasil é caracterizado por transformações sociais que aparecem principalmente nas grandes cidades, pela industrialização. Nesse contexto é que as práticas corporais aparecem como um vetor de produção desses novos modos de comportamento: “As vivências de diversão foram um dos principais meios de preparar a população para a vida moderna e, ao mesmo tempo, sua adoção expressava um vínculo ao que era novo, à civilidade desejada” (Silva, 2014, p. 697). Nesse ínterim, destacam-se as “[...] transformações urbanas pautadas no desejo da adequação da sociedade a um progresso idealizado em parâmetros que emanavam de centros urbanos da Europa Ocidental” (Silva, 2014, p. 708) e o papel da mídia impressa como propagadora de valores em intervenções de caráter educativo, que eram incorporadas pela população. Silva (2014) recorre à Foucault para interpretar esse processo, quando o poder vai conformando o corpo social a partir da dominação do corpo individual. A centralização que representa o processo histórico de urbanização também vem acompanhada de um esgarçamento do tecido urbano, pelo crescimento desordenado, fruto do fluxo de imigração e do êxodo rural.

Reconhecendo as “mazelas da cidade” como as causas da degradação moral e física da população, o poder público cria estratégias para sanar os problemas sociais, defendendo a escola como um espaço privilegiado para reestruturação do país e, conseqüentemente, a superação de entraves à sua inserção na modernidade (Silva, 2014, p. 173).

Esse é o contexto de institucionalização da EF, fruto do saber médico que produz afinidades eletivas entre a noção de corpo humano e a compreensão da cidade como corpo (Sennett, 1997; Montenegro; Soares, 2019). Montenegro e Soares (2019) discutem esse processo na cidade de Fortaleza. Mostram como naquele contexto, depois de 1920, a praia teve seu uso social completamente modificado e isso não se deve apenas ao processo de urbanização, mas sim ao surgimento de uma “cultura physica”:

Forma-se um novo discurso em torno do litoral, embasado principalmente por conselhos e prescrições médico-higienistas, que atribuíam um valor inédito à vida ao ar livre. Paralelamente, e em consonância com essa ideia, o estímulo à prática de exercícios físicos, esportes e ginásticas, isto é, elementos do que se pode chamar de cultura physica, torna-se corriqueiro

nas fontes (Montenegro; Soares, 2019, p. 2).

Em vista do crescimento demográfico desordenado, hábitos corporais considerados inadequados passam a estar no foco do discurso higienista: “[...] o estímulo à cultura *physica* passa a integrar os discursos que têm como função desenvolver uma reação à nova ordem urbana. Isto porque viver na cidade tornara-se difícil, pois seus novos ritmos exigiam disposições em que não podia faltar vigor físico e disciplina” (Montenegro; Soares, 2019, p. 5). Nesse sentido, as autoras entendem ser impossível atribuir essa mudança de significado sobre o uso do litoral apenas ao crescimento urbano, mas também à relação com o saber médico e a busca da natureza domesticada. O mesmo é relatado por Gois Júnior (2013, p. 10): “No campo da cultura, uma das manifestações da vida europeia, qual seja, o ‘ser esportivo’, invade as principais cidades brasileiras como tradução de um ‘habitus’ ligado à modernidade”. As práticas esportivas eram associadas aos modos de vida moderno e à urbanidade necessária nesse novo cenário:

Na cidade moderna, os corpos atléticos deviam ser equilibrados, saudáveis, bem treinados. A cidade devia ser higienizada com boulevares, praças, áreas verdes, prédios amplos e arejados, bem como, seus habitantes com corpos limpos e saudáveis. Este era o projeto de modernidade das principais cidades brasileiras (Góis Júnior, 2013, p. 109).

Góis Júnior (2013) ainda destaca que o fato de que os esportes representavam a modernidade foi importante para configuração de um mercado de consumo ao seu redor. Na modernização do Brasil, a relação entre práticas corporais e cidade era fulcral e marca a entrada da educação física nos espaços de socialização (Danailof, 2013). Nesse sentido, o que explica a diminuição expressiva no volume de trabalhos que deveriam tematizar a atualidade daquela relação? Ou, dito de outro modo: se consideramos que a forma urbana se alterou radicalmente desde o início do século XX, como podemos entender que isso não se traduziu em uma nova configuração da cultura física?

Isso se expressa principalmente quanto ao baixo volume de publicações que refletem sobre a segunda metade do século XX, um período em que a EF foi esportivizada. Nossa hipótese é que a dificuldade de escrever um próximo capítulo tão robusto como o capítulo sobre a relação cidade-práticas corporais na modernização inicial se deve ao êxito do processo de esportivização das práticas corporais. Esportivização é igual a padronização. Trata-se de um processo que vai na contramão do que seria a realização verdadeira da urbanização, que é baseada na acomodação das particularidades; a cidade é o que permite a realização dos indivíduos. É exatamente o que ressalta Medeiros (2022, p. 6) sobre a prática do remo sair do Rio Tietê: “A impossibilidade de lidar com as imprevisibilidades do rio certamente atrapalhava os métodos racionais de treinamento e preparação dos clubes”. A geografia do rio era um impeditivo ao processo de esportivização que ia se instituindo. Falamos aqui da neutralização de uma prática “[...] que contava com características que tornavam a prática particular na cidade” (Medeiros, 2022, p. 2), particularidade que acabou neutralizada quando retiraram as práticas do referido rio. Em outro trabalho, a autora ressalta a centralidade do remo enquanto prática corporal que fez parte do processo de urbanização em São Paulo:

O início do século XX marcou, de forma acentuada no Brasil, uma mudança na relação entre a natureza e a ordem urbana. O acentuado crescimento de cidades como São Paulo acabou por eleger a natureza e seus elementos como contraponto ideal aos “males urbanos”, que começam a surgir, efeitos da urbanização e da industrialização [...]. Essas transformações marcaram também a relação dessa cidade com os rios, que não ficaram imunes às

mudanças ocorridas no período (Medeiros, 2020, p. 2).

O remo era um símbolo do domínio do homem sobre o espaço, configurando o tecido urbano, quando o rio passa de espaço de contemplação para espaço de ação. É nesse sentido que destacamos o papel do processo de esportivização, que ao racionalizar a experiência torna a relação cidade-práticas corporais menos “susceptível”, para usar uma caracterização dessa mesma autora. A busca pelos recordes/racionalização acabou por tornar obsoletas as provas nos rios, uma especialização da cultura física.

Esse processo de dessensibilização em relação ao que o homem produziu em interpretação do desenvolvimento urbano não quer dizer que não existiram transformações também na cultura física. O que podemos constatar é que há uma espécie de silenciamento e práticas corporais que foram relegadas à escuridão. O que não quer dizer que essas não compõem a cultura corporal da cidade: “Somente a partir do final século XIX o discurso de urbanização, modernização, construiu críticas aos jogos populares, às touradas, aos jogos de azar, e à própria capoeira. As elites criticavam a capoeiragem como forte degradadora dos valores humanos” (Góis Júnior, 2013, p. 101). Como referido anteriormente, as práticas corporais urbanas procuram retomar essa relação com a urbanização, no sentido de recuperar o direito à cidade, perdido.

Compreende-se que há uma vasta polissemia do que se entende por cidade nas pedras da história. É a cidade da modernidade que tem relações com os cuidados do corpo que dão origem à EF. A cidade (tipo-ideal) do industrialismo desequilibra as relações entre indivíduo e sociedade em favor do trabalho e da produção pela primeira vez na história. Observamos na maioria dos estudos do nosso escopo o contra-ataque do movimento higienista. A produção analisada constata a cultura corporal como vetor no processo de urbanização. Processo esse que deveria favorecer “[...] o vínculo entre um privado e um público que nunca estão radicalmente separados” (Mongin, 2009, p. 37). Mongin (2009) e Lefebvre (2001) reconhecem a falência desse urbanismo que prometia a articulação do indivíduo a partir de suas particularidades, em reação à sociedade do industrialismo.

O que vimos retratado na produção da EF de uma maneira geral é a necessidade de retratar mais a experiência urbana (principalmente a atual), que é sempre uma dialética entre indivíduo e sociedade. Uma cidade deveria ser a expressão particular do seu desenvolvimento (oposto à noção de crescimento do industrialismo, como ressaltado por Lefebvre), seu valor de uso. No entanto, sempre caímos no tipo-ideal da cidade industrial ou outros modelos mais recentes.

A cidade é mesmo uma questão de corpo, desse corpo individual que sai de si próprio para se aventurar dentro de um corpo coletivo e mental onde se expõe a outros: a história de corpos que criam um espaço comum [...] A cidade: condição de possibilidade de relações diversas (corporal, cênica, política), lugar que dá “forma” a práticas infinitas e a uma duração; este é o sentido inicial de uma condição urbana (Mongin, 2009, p. 38).

REFERÊNCIAS

AMARAL, D. V. O.; ANÍSIO, E. R.; DIAS, C. História do lazer em Cláudio, Minas Gerais, C. 1888-1920. **Movimento**, v. 28, e28054, p. 1-19, 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Glossário Temático: Promoção da Saúde**. Série A. Normas e Manuais Técnicos. Brasília, DF, 2012.

DANAIOLOF, K. A “Educação Physica” nos parques infantis de São Paulo (1935-1938). **Movimento**, v. 19, n. 2,

p. 167–184, 2013.

GHIDETTI, F. F.; RODRIGUES, R. M. Cultura corporal de movimento em pauta: uma análise sobre o objeto de ensino da Educação Física como vetor dos processos de subjetivação com o corpo. **Motrivivência**, v. 32, n. 61, p. 1-23, 2020.

GÓIS JÚNIOR, E. G. O esporte e a modernidade em São Paulo: práticas corporais no fim do século XIX e início do XX. **Movimento**, v. 19, n. 4, p. 95–117, 2013.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

MANSKE, G. S. Práticas corporais como conceito? **Movimento**, v. 28, e28001, p. 1-17, 2022.

MEDEIROS, D. C. C. Dos desafios aquáticos ao estabelecimento de recordes: aproximação e distanciamento entre práticas esportivas e os rios da cidade de São Paulo (1899-1949). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 42, e2040, p. 1-8, 2020.

MEDEIROS, D. C. C. O processo de esportivização do remo na cidade de São Paulo (1899-1949). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 44, e009221, p. 1-8, 2022.

MELO, V. A.; SANTOS JUNIOR, N. J. O esporte nos arrabaldes do Rio de Janeiro: o cricket em Bangu (1904-1912). **Movimento**, v. 24, n. 3, p. 843–858, 2018.

MONGIN, O. **A condição urbana: a cidade na era da globalização**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

MONTENEGRO, N. R.; SOARES, C. L. Cultura physica e vida ao ar livre: a reinvenção do litoral de Fortaleza (1920-1940). **Movimento**, v. 25, e25092, p. 1-15, 2019.

MUMFORD, L. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ROCHA, E. C. **A Pesquisa em educação infantil no Brasil: trajetória recente e perspectivas de consolidação de uma pedagogia**. 1999. 281 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

SENNETT, R. **Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. São Paulo: Record, 1997.

SILVA, A. M.; LAZZAROTTI FILHO, A.; ANTUNES, P. de C. Práticas Corporais. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **Dicionário crítico da educação física**. 3. ed. rev. e ampl. Ijuí: Ed. Unijuí, 2014. p. 522-528.

SILVA, L. P. As práticas de diversão e o modo de vida moderno nas primeiras décadas do século XX em Montes Claros-MG. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, n. 2, p. S696-S710, 2014.

VIEIRA, V. R.; DA SILVA, J. V. P. Barreiras à prática de atividades físicas no lazer em usuários de transporte público de Campo Grande/MS. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 43, e005821, p. 1-10, 2021.

Recebido em: 01 dez. 2023.

Aprovado em: 29 abr. 2024.